

Relato da sessão “A interdisciplinaridade na investigação científica e no ensino”, com palestras de Arlindo Philipi (USP/CAPES – Brasil) e de João Ferrão (ICS/Universidade de Lisboa – Portugal), comentadas por Fernanda Cravidão (CEGOT/Universidade de Coimbra – Portugal)

As apresentações de Arlindo Philipi e de João Ferrão constituíram excelentes exercícios de demonstração da necessidade e da vantagem dos estudos interdisciplinares na investigação científica e no ensino das ciências em geral, e das ciências sociais, em particular. Na sua opinião, a abordagem interdisciplinar, para além de promover o diálogo científico entre disciplinas com diferentes objectos e metodologias, procura respostas inovadoras, integradas e dirigidas a públicos com diferentes formações e funções (académicos; decisores políticos; gestores) para os problemas complexos da sociedade de hoje. Estes e outros aspectos das intervenções foram realçados pela comentadora e pelo público interveniente na sessão.

Numa tentativa, necessariamente redutora e provavelmente injusta, do conjunto da sessão, retivemos cinco pontos fundamentais:

- 1) A interdisciplinaridade é necessária? A interdisciplinaridade é possível e praticável na Universidade actual? A resposta é claramente afirmativa e os estudos de Geografia e de Geografia da Saúde demonstram-no claramente, ao envolver nas equipas responsáveis por estudos teóricos e técnicos (aplicados) investigadores de Geografia Física e Humana, mas também profissionais de saúde (médicos e enfermeiros), gestores, economistas, psicólogos, sociólogos e juristas, para citar apenas os mais óbvios.

No entanto, a prática interdisciplinar implica condições e regras de colaboração aceites por todos (nomeadamente no que se refere a aprendizagens de diferentes epistemologias e ontologias, à necessária quebra das barreiras metodológicas, à integração de diferentes linguagens e literacias) e, sobretudo, à necessidade de tempo para que estes processos se interiorizem na equipa de trabalho.

Por outro lado, a prática interdisciplinar acarreta riscos e custos elevados que nem sempre são devidamente acautelados. Salientam-se com principais: um certo “diletantismo” que se pode associar à prática interdisciplinar, com a consequente perda de rigor, ou dizendo doutro modo, na prática interdisciplinar pode atingir-se um rigor científico menor do que aquele que se consegue em cada um das disciplinas que para ela contribuem; uma diminuição do efeito de controvérsia e mesmo do pluralismo de ideias científicas, pela necessidade apriorística de convergência interdisciplinar; uma inadequação às lógicas disciplinares dos sistemas institucionais de avaliação de unidades de investigação, de projectos científicos e de bolsas de estudos.

- 2) A interdisciplinaridade implica uma saída da chamada “zona de conforto”, em termos de ensino e de investigação? A resposta não tem de ser propriamente positiva! Por questões de competitividade, de habituação de comportamentos, de enquadramento hierárquico, nem sempre, para não dizer quase nunca, a “zona de conforto” para o

trabalho científico está nos colegas de Departamento ou mesmo de Universidade. Por isso, as redes têm um importante papel na promoção da interdisciplinaridade, sejam elas nacionais ou internacionais! Dentro destas, as redes associadas a investigadores de expressão lusófona ou de expressão ibérica, têm um importante significado no futuro da investigação e do ensino pós-graduado, pelo que significam em termos de combinação de “know-how” adquirido e do número e diversidade de instituições potencialmente envolvidas, mas também pelas facilidades impostas por línguas e valores culturais próximos.

- 3) A multidisciplinaridade é uma das etapas necessárias no caminho da verdadeira interdisciplinaridade e da desejável transdisciplinaridade! Muita da colaboração disciplinar que hoje se pratica situa-se ainda muito ao nível da multidisciplinaridade, ou seja da contribuição e mesmo da acumulação de saberes diversos, sem que se abandonem as metodologias próprias de cada disciplina, sem que se definam novos problemas científicos, novos tipos de profissionais e novos grupos de investigação. Donde a necessidade de aprofundar esta prática de cooperação que, com base em lideranças tolerantes e mobilizadoras, consigam ultrapassar este estágio.
- 4) Interdisciplinaridade não significa enfraquecimento das capacidades disciplinares! Antes pelo contrário. O caminho para a interdisciplinaridade é mais fácil com investigadores e professores que detenham uma formação sólida e robusta, poderíamos mesmo dizer, uma forte especialização nos domínios disciplinares de base a que pertencem, em que foram formados, em que investigam ou em que ensinam. Só assim se consegue levar ao conjunto interdisciplinar o melhor de cada disciplina, no plano teórico-metodológico, no plano prático e na perspectiva de aplicação. Só assim se evitam dependências e subserviências entre disciplinas com diferentes prestígios sociais e académicos.
- 5) Ao mesmo tempo que promovem o aprofundamento e a especialização de saberes, as Universidades apostam hoje fortemente na abordagem interdisciplinar. Foram referidos exemplos a nível da Universidade de Lisboa e de algumas universidades brasileiras. Também no caso da Universidade de Coimbra, a criação, há mais de uma dezena de anos, do Instituto de Investigação Interdisciplinar (III) tem dado um importante contributo na catalisação e na coordenação de iniciativas de sabor interdisciplinar na Universidade de Coimbra, quer ao nível da preparação e candidatura de projectos científicos, quer na formação pós graduada, ao nível de doutoramentos. Os resultados conseguidos nos últimos anos demonstram a validade deste projecto e a importância que o saber interdisciplinar terá na Universidade do século XXI.

Francisco Mendonça e Lúcio Cunha